

# Identities nacionais em debate

Universidade Aberta -CEMRI

21 de Outubro de 2005

Casa dos Açores (R. Navegantes, 21 - Lisboa)

## Fecho

Minhas senhoras e meus senhores:

### Introdução

Antes de mais gostaria de agradecer à comissão organizadora deste colóquio a honra de me ter convidado a apresentar um resumo das intervenções que escutámos ao longo deste dia.

Tenho consciência que **não é uma tarefa fácil**, quer pela **complexidade do tema em debate** quer pela **riqueza das intervenções**.

Pedindo antecipadamente desculpa por eventuais omissões ou deformações, resultantes do meu olhar particular sobre o que aqui se passou, passarei de seguida à apresentação do **resumo dos vários olhares**, 2 da Sociologia, 2 da Psicologia social, 2 da antropologia e 2 da História, para usar a feliz expressão dos organizadores.

### Os vários olhares

Assim, a **Maria Beatriz Rocha Trindade**, iniciando os trabalhos com o **olhar da Sociologia**, referindo-se às ***afirmações de identidade em contexto de migrações***, salientou que

- nos **dois contextos** migratórios actuais, o da **emigração** de portugueses para diversos países e o de cidadãos estrangeiros em Portugal (quer os lusófonos quer os recentes imigrantes do

Leste europeu), a questão da identidade é de indiscutível actualidade no estudo dos processos de integração.

- Como indicadores de busca de identidade, registam-se as **manifestações de interesse** pela cultura e pela terra de origem ancestral, bem como a **exteriorização de sinais** visíveis de ligação a essas referências.

Seguidamente, o **Fernando Luís Machado**, apresentou os resultados de um inquérito realizado em 2004 a uma amostra de 1000 jovens dos 15 aos 24 anos filhos de imigrantes dos cinco PALOP residentes na região de Lisboa, tendo sublinhado que

- Os **sentimentos de dupla pertença** desses jovens são evidentes em toda a amostra, ainda que variem de acordo com diversos factores.
- Relativamente à **pertença africana**, nota-se uma maior ligação entre os jovens de **origem** angolana e caboverdiana, do que os de origem guineense, santomense ou moçambicana.
- Quanto à **pertença a Portugal**, esta varia bastante de acordo com a **posição social**, com o **género**, com a **naturalidade** e com a **cidadania**: assim, os jovens de classe média e alta sentem-se mais portugueses que os dos estratos mais baixos. O mesmo se passa das raparigas relativamente aos rapazes, dos que nasceram em Portugal relativamente aos que nasceram fora e dos que são cidadãos portugueses face aos que não o são.

Mais adiante, a **Joana Miranda** com o **olhar da Psicologia Social**, apresentou alguns resultados da sua pesquisa para doutoramento, mostrando como a ideia de identidade nacional tem sido utilizada de uma forma estratégica pelos portugueses

para construírem a sua pertença, paralelamente a factores objectivos como a língua e a cultura.

Com a mesma perspectiva, **Rosa Cabecinhas** apresentou um estudo sobre as **representações sociais de jovens portugueses e brasileiros, sobre factos e figuras da História Universal e Nacional** de cada um dos países. Tal como no trabalho de Joana Miranda, o estudo de Rosa Cabecinhas mostra o **carácter contextual da identidade**, que se apresenta como um conceito em permanente sintonização com os novos Espaços e com os novos Tempos em que se inscreve.

Com o olhar da **Antropologia**, **Luís Cunha**, procurou mostrar, através do **confronto de quatro diferentes quadros narrativos**, como determinados efeitos retóricos e analíticos permitem uma **reinterpretação identitária** da coesão e da orientação nacionais.

Por seu turno, **António Medeiros**, partilhou connosco algumas reflexões sobre a **identidade disciplinar da Antropologia**, a partir da comparação entre práticas antropológicas e discursos nacionalistas. Do debate sobre as duas comunicações, ficou-me a ideia da existência de um **metabolismo cognitivo** que á semelhança do metabolismo biológico, resulta de um equilíbrio instável entre um processo de construção, um **anabolismo**, observado nos discursos de Teixeira de Pascoaes, de Jorge Dias e de António Gil, e um processo de destruição, um **catabolismo**, registado em Eduardo Lourenço:

- Quando o discurso pende para o **anabolismo**, as excessivas construções cognitivas provocam uma **visão mitificada da identidade nacional**, à semelhança do cancro na espécie humana.
- Quando pende para o **catabolismo**, à semelhança da **SIDA**, é destruído o sistema imunitário da identidade nacional criando uma **visão de anomia**.

Finalmente, com o **olhar da História**, **Noé Sandes** discutiu a **imaginação nacional como prática simbólica**, ilustrando o seu ponto de vista com o caso brasileiro. Relatou a tendência recente para re-introduzir a questão da escravatura como elemento estratégico da construção da identidade brasileira, ainda que expurgada de ódio racial. Isto é particularmente interessante numa altura em que Kevin Bales, um dos mais considerados especialistas mundiais em matéria de escravatura, refere que há mais escravos vivos Hoje, do que houve em todo o período do tráfico transatlântico, o que faz levantar a hipótese de alguns argumentos pretensamente objectivos poderem cair em mitificações mais ou menos subtis.

Finalmente, a **Maria Isabel João** demonstrou, através de exemplos da análise da conhecida *História de Portugal de Barcelos*, como a **historiografia** tem desempenhado um **importante papel na construção das representações de Portugal** e no processo de delinear as coordenadas que permitem identificar a Nação.

## **Balanzo e perspectivas**

Como referi no início das minha palavras, seria uma ousadia da minha parte extrair uma síntese sistematizada de tudo o que aqui foi dito. No entanto, em jeito de tentativa, gostaria de sublinhar algumas ideias-chave subjacentes às várias intervenções, que me parecem esboçar **rumos** para a continuação do debate sobre as identidades nacionais.

1. Antes de mais, parece emergir a consciência da **necessidade de um trabalho sério de precisão conceptual**, uma vez que os conceitos são instrumentos indispensáveis à comunicação e sem eles não será possível diagnosticar situações, traçar

estratégias adequadas e operacionalizar acções. Vejamos alguns, a título de exemplo.

- **Identidade:** de quem? de pessoas? de grupos? de organizações? de regiões? de nações? de Estados? da própria espécie humana?
  - **Até que ponto é que a identidade é um conceito de geometria variável?** No caso particular da **identidade nacional**, até que ponto é que a **múltipla pertença** é condição de **diluição** da identidade ou, pelo contrário é **reforço** de uma identidade complexa?
    - a. Exemplo 1 : o facto de pertencer a um povo com uma **história**, uma **língua**, e uma **cultura** próprias com uma casa comum (**fronteiras antigas**), é **factor de identidade ... mas tb de cristalização mítica...**
    - b. Exemplo 2: o facto de pertencermos a um **povo mestiço** nas suas várias **metamorfoses** - na sua **génese** (iberos, celtas, fenícios, gregos, romanos, visigodos, suevos, árabes), na sua **divergência** (*a Europa nos trópicos*), e, mais tarde na sua **convergência** (*os Trópicos na Europa*), **diluiu a nossa identidade nacional ou reforçou-a?**
2. Uma segunda linha de reflexão, política, aponta para uma **estratégia identitária portuguesa autónoma**, não cedendo a conceitos importados ou a derrotismos estrangeirados, mas assumindo que **a nossa experiência identitária constitui um património nacional que deve ser salvaguardado** nas suas virtualidades universalistas, ainda que corrigido nalgumas das suas reconhecidas fragilidades recorrentes.
3. **A pertença simultânea** a múltiplos sistemas da conjuntura (OCDE, UE, NATO, Comunidade Ibero-americana, CPLP...), deve ser tomada como **factor fortalecedor de uma identidade cosmopolita única**, e não como condição de anomia nacional.

4. Não poderia terminar sem **voltar às fontes**.

O **modelo político da Europa**, na sua expressão contemporânea, **assentou nos três princípios da Revolução Francesa**: a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

Os **dois primeiros**, foram claramente assumidos como bandeiras políticas da época industrial, ainda que com leituras diferentes, nos espaços de economia centralizada de Leste ou de economia de mercado, a Ocidente.

A **fraternidade**, remetida pelo poder político durante dois séculos para a sociedade civil como uma questão meramente ética, **renasceu**, nos anos noventa do século XX, **crismada** com a designação de **solidariedade**, como **referência política estratégica indispensável à coesão social e à orientação da sociedade europeia**.

Começa hoje a emergir a ideia que, **quanto mais não seja por egoísmo**, vale a pena ser solidário, uma vez que os custos de uma sociedade não solidária são elevadíssimos e afectam todos os estratos sociais, em termos de instabilidade social. Ainda que não seja sempre pelos melhores motivos, parece, portanto, que a solidariedade vai impor-se devido a esta **convergência entre interesses e convicções**.

Ora, **um dos elementos básicos da identidade portuguesa**, a meu ver, é esta **solidariedade enraizada** que já levou BS Santos a falar em *Sociedade Providência*. Esta circunstância, e o facto de vivermos numa **sociedade livre e pacífica** são motivos de esperança ainda que saibamos que em termos de igualdade e de justiça social muito está por fazer.

Obrigado pela vossa atenção.

Hermano Carmo